

# Bibliotecas universitárias: semear hoje para colher amanhã

*Maria João Amante*

Biblioteca do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE)

Avenida das Forças Armadas

1649-026 Lisboa

Tel: 217903082

[maria.amante@iscte.pt](mailto:maria.amante@iscte.pt)

## RESUMO

A aprendizagem ao longo da vida constitui um imperativo para todas as profissões. Por esta razão, é indispensável que os alunos dos ensinos básico e secundário e os estudantes do ensino superior sejam capazes de localizar a informação de que necessitam, sejam capazes de lidar com várias fontes de informação e, mais importante ainda, sejam capazes de avaliar essas fontes de informação.

Para que tal seja possível, e partindo do pressuposto que existe um forte desconhecimento sobre as capacidades e as competências profissionais dos bibliotecários por parte dos membros das organizações em que se movem, devem os bibliotecários expandir a sua esfera de intervenção abraçando novas funções/responsabilidades.

Com este objectivo, e situando a nossa reflexão no contexto do Ensino Superior e das bibliotecas universitárias, são referidas algumas dessas novas funções a que temos de ser capazes de dar corpo. Estas situam-se quer em domínios tradicionalmente entendidos como campo de actuação dos bibliotecários (gestão das colecções e prestação de serviços de informação) quer em domínios nos quais as suas capacidades e competências são dificilmente reconhecidas (tecnologias de informação, investigação, ensino/formação, edição). Igualmente é referida a necessidade de bibliotecários e docentes desenvolverem uma relação de parceria, devendo os primeiros concretizar um conjunto de iniciativas enquadradas no domínio do marketing dos relacionamentos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino Superior, Bibliotecas Universitárias, Bibliotecários, Docentes, Alunos, Parceria, Colaboração, Marketing.

## INTRODUÇÃO

A emergência das economias baseadas no conhecimento levou a que questões como a produtividade e a competitividade passassem a

ser encaradas como aspectos dependentes da capacidade de as organizações gerarem conhecimento e processarem informação de forma eficiente. Desta forma, a riqueza de uma sociedade depende, em grande medida, da qualidade da educação e da formação e da plena integração da população no sistema de educação e formação. [1]

Porque o valor do conhecimento decorre da capacidade que confere para agir, "...o conhecimento deve ser entendido como um potencial para a acção que depende não só da informação armazenada, como também da capacidade dos indivíduos em interaccionarem com o mesmo e em conferirem-lhe utilidade." [2] Desta forma, o conhecimento assente em competências (saber fazer) adquire relevância pois dele depende a capacidade de decidir e agir.

Conscientes desta realidade, muitos bibliotecários consideram que, para além de ser responsabilidade sua o fornecimento de serviços de informação de qualidade, também devem formar os seus utilizadores tendo em vista uma efectiva utilização dos serviços e produtos disponibilizados na e a partir da Biblioteca. Esta tarefa tornou-se bastante exigente e complexa devido, entre outros aspectos, ao crescimento exponencial da informação disponível.

Tradicionalmente, bibliotecas e serviços de informação centraram a sua actividade nas fontes de informação e na tecnologia tendo desenvolvido sofisticados sistemas para a recolha, organização e recuperação de fontes, utilizando as tecnologias de informação para permitir o acesso a essas fontes de informação. A formação de utilizadores centrou-se, assim, em capacidades manipulativas deixando de lado os aspectos cognitivos do processo de informação que conferem sentido e facilitam a compreensão. Desta forma, o contributo dos bibliotecários no processo de formação em informação é tanto maior quanto maior for o seu envolvimento nos processos cognitivos.

Assim, as parcerias entre bibliotecários e docentes só são relevantes quando se traduzem

num trabalho de equipa e em que a actuação do bibliotecário não se confina à dimensão manipulativa (bibliográfica) do processo de informação.

## **BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS: O CONTEXTO**

As bibliotecas universitárias, enquanto serviços, devem apoiar as políticas e as práticas das instituições em que se inserem. Desta forma, a avaliação das Universidades, a heterogeneidade de públicos, a massificação do acesso à Universidade, a diminuição do número de alunos no nível de formação inicial, o crescimento do número de alunos que frequentam níveis avançados de formação, os constrangimentos financeiros, a internacionalização, o crescimento da economia baseada no conhecimento, as exigências que a Sociedade coloca às Universidades em termos de empregabilidade dos seus graduados, são apenas alguns dos aspectos com que se debatem as Universidades e que têm implicações para as bibliotecas e para os seus profissionais.

As Tecnologias de Informação e Comunicação se, por um lado, nos permitem desenvolver novos produtos e serviços de forma a satisfazer as necessidades de informação, em constante mutação, dos nossos utilizadores, por outro lado, parecem constituir uma ameaça à existência da própria biblioteca pois, à distância de um *click*, tudo pode ser encontrado na Internet, falando-se até da desmaterialização da biblioteca e da obsolescência da ideia de biblioteca como espaço. [3] Esta ideia parte da consideração da biblioteca como espaço para guardar as colecções, esquecendo a biblioteca enquanto lugar onde as pessoas estudam, lêem, investigam e encontram resposta para as suas questões.

Acresce que, nas instituições de Ensino Superior, existe algum desconhecimento quanto às qualificações profissionais, às funções e às competências dos profissionais de informação, os quais são de forma sistemática encarados como administrativos pelos docentes e até por muitos dos colegas não docentes. Brophy [4] reforça esta ideia afirmando que “Libraries and computing services sit somewhere between the academic and the administrative departments since their role is directly related to learning and research but they do not have direct responsibility for students or programmes of study.”

O contexto que acabamos de descrever, se não em todos, pelos menos em alguns dos seus aspectos, não é desconhecido dos colegas bibliotecários e técnicos profissionais BD que trabalham em bibliotecas universitárias.

Importa, assim, em nossa opinião, criar um futuro para a biblioteca universitária e para os seus profissionais. Para alcançar este objectivo é, simultaneamente, necessária uma visão e uma atenção sistemática à sua concretização.

No final dos anos 80, Christopher Freeman lançou o conceito de sistema nacional de inovação, nele integrando as Universidades. De acordo com Huotari e Iivonen [5] a principal missão das Universidades consiste na criação de conhecimento novo e, assim, provocar inovações. As inovações baseiam-se em informação e em processos de conhecimento de vários tipos. Porque para tal necessitam de informação actualizada e em tempo útil, as bibliotecas devem ser encaradas como parceiros estratégicos internos. Consideram assim que descobrir como é que a biblioteca pode participar nos processos de geração de conhecimento constitui um desafio para a liderança quer da biblioteca quer da Universidade. Neste sentido e na linha de investigação sobre parcerias em bibliotecas que temos desenvolvido [6], a construção de parcerias estratégicas é um caminho a percorrer devendo ser definidos objectivos comuns. Em conformidade, as bibliotecas devem assumir um papel mais proactivo no seio da comunidade académica, colaborando intensamente com docentes e investigadores.

Lougee [7] refere, a este propósito, que, num contexto em evolução, a biblioteca universitária assume “papéis difusos”, isto é, “...libraries are becoming more deeply engaged in the creation and dissemination of knowledge and are becoming essential collaborators with the other stakeholders in these activities.”

Como referimos anteriormente, a biblioteca depende da Universidade a que pertence sendo, tendencialmente, o reflexo da própria Universidade. De forma recorrente, ouvimos dizer que a biblioteca é o coração da Universidade. Mas, como todos bem sabemos, existe alguma retórica nesta afirmação. Isto porque todos os que trabalham nestas unidades de informação têm quotidianamente de lutar para obter os recursos (humanos, materiais e financeiros) de que necessitam para poderem fornecer serviços de qualidade e com valor acrescentado a um número crescente de utilizadores num mundo cada vez mais complexo e rico em informação. Muitas vezes, trata-se apenas de conseguir captar a atenção dos responsáveis pela Universidade para os problemas (ou sucessos) da biblioteca e para os desafios com que se confrontam, muitos dos quais, decorrem das mudanças por que passam as Universidades (a este propósito, bastará referir o Processo de Bolonha e as suas implicações em termos dos curricula).

Em 1992, no Reino Unido, concretizou-se a fusão do Ensino Superior Politécnico e do Ensino Superior Universitário. Em 2003, foi publicado o documento *The future of higher education* [8] que consubstancia uma visão para o Ensino Superior. Deste documento destacamos apenas três aspectos que nos parecem ser de particular relevância para a nossa análise:

- “Universities as creators of knowledge and ‘engines’ for applying new knowledge.
- Universities as educators, enabling students to live life the full, through the acquisition of skills and through fostering imagination, creativity and contribution to society’. (...)
- Development of new modes of study in response to student demand.”

Como foi referido, as bibliotecas universitárias não existem enquanto espaços para arrumar as colecções mas sim como espaços que constituam ambientes de aprendizagem. Esta ideia é tão forte que, em muitos países, a construção de novos edifícios para a biblioteca deixou de ter como prioridade a arrumação física dos materiais e passou a considerar os utilizadores e as actividades por si desenvolvidas. [9] Mas, porque as TIC permitem aceder a muitos dos serviços da biblioteca sem ser necessária a deslocação ao espaço físico desta, a própria necessidade deste espaço se tornou num tema para debate.

### **DOCENTES – BIBLIOTECÁRIOS: UMA PARCERIA**

As alterações por que passam as Universidades e as suas bibliotecas exigem dos seus profissionais disponibilidade para redefinir os seus papéis e para repensar a natureza e os objectivos das bibliotecas, tendo em vista a construção de ambientes de informação virtuais e o fornecimento de serviços de valor acrescentado aos seus utilizadores. De acordo com Creth [10] para tal devemos:

- Ser flexíveis;
- Dar prioridade às necessidades dos utilizadores;
- Encorajar a liderança e a inovação na equipa da biblioteca.

Por outro lado, devemos identificar parceiros [11], tendo por objectivo o fornecimento de serviços que apoiem o ensino, a aprendizagem e a investigação. Isto significa, entre outras coisas:

- Compreender o que é uma parceria;
- Identificar novos parceiros e novas formas de trabalhar com parceiros já existentes;
- Saber o valor que levamos para a parceria – o valor da biblioteca e a contribuição dos seus profissionais.

Constituem desafios de uma parceria:

- Saber como negociar;
- Ser capaz de estabelecer compromissos;
- Construir uma relação entre iguais;
- Ser paciente em relação aos desenvolvimentos que os outros podem não reconhecer ou, simplesmente, rejeitar.

Uma parceria é mais do que trabalhar em conjunto para concretizar projectos. É uma atitude de criação/descoberta partilhadas. [12] Docentes e bibliotecários têm um interesse em comum: os alunos. Neste sentido, cabe-nos, em parceria com os docentes, transformar a biblioteca num ambiente de aprendizagem de forma a efectivamente a colocar no coração da Universidade.

As transformações ocorridas em termos de ensino, aprendizagem e investigação exigem uma nova concepção de biblioteca. A biblioteca deve participar em novas comunidades de aprendizagem, em novas formas de gestão e disseminação do conhecimento e na prestação de serviços para públicos mais diversificados e dispersos.

Rodrigues [13] aponta mesmo a necessidade de “...alterar a ‘cultura organizacional’ e a imagem da biblioteca universitária: de um serviço que está disponível para os seus utilizadores, para um serviço que os procura; de um local que oferece livros e lugares de leitura, para uma entidade que gere e disponibiliza recursos informativos essenciais para o sucesso da actividade escolar, pedagógica e científica.”

No novo ambiente é indispensável uma cultura de colaboração para que a biblioteca possa realizar o seu potencial nos vários domínios da sua intervenção. A colaboração traduz-se na gestão das relações com outros membros da Universidade e com entidades externas assegurando, assim, que a biblioteca está presente em todos os momentos de diálogo institucional e de tomada de decisão.

Para Rader [14], “In the future, the quality of academic librarians will be assessed on the basis of how they connect their customers to the information and knowledge they need, regardless of where the content may be located.

Librarians will be assessed in terms of how well they meet the information and learning needs of students. They will be seen as instructional partners with faculty to help students develop into effective consumers of information.”

Muitos autores têm escrito sobre o que se entende por “papéis” (role) e, especificamente sobre os “papéis” desempenhados pelos bibliotecários do Ensino Superior ao longo do tempo. [15] Kotter [16] enuncia os vários papéis que, em sua opinião, os bibliotecários deverão desempenhar nas Universidades: analista proactivo, especialista em vários assuntos, conselheiro, consultor, intermediário no sistema de comunicação académica. Defende a tese de que o desempenho destes papéis depende da existência de boas relações entre docentes e bibliotecários. Fala mesmo na necessidade de uma melhoria dessas relações que, em sua opinião, são marcadas por um conjunto de tensões. Considera ainda que níveis muito elevados de satisfação por parte dos docentes quanto à biblioteca não podem ser utilizados para avaliar a qualidade da relação bibliotecário/docente pois podem ter na base:

- Expectativas de base muito fracas, quer quanto à biblioteca quer quanto aos profissionais que nelas trabalham (se as expectativas são baixas não é difícil corresponder);
- A avaliação dos serviços da biblioteca, que não pode ser entendida como igual a avaliação dos seus profissionais (a avaliação dos serviços pode ser muito boa e, simultaneamente, serem quase inexistentes ou mesmo inexistentes os contactos entre docentes e bibliotecários);
- A predisposição, por parte dos docentes, para pedir apoio aos bibliotecários poderia ser considerada um indicador sobre a existência de uma boa relação entre estes dois grupos. Contudo, os docentes muito raramente referem os bibliotecários como fontes de informação a que recorreriam em caso de necessidade. “The fact that classroom faculty are often reluctant to seek help seems to contradict positive evaluations based on high levels of satisfaction. Because ratings of librarians as information sources focus directly on the relationship in question, they would seem more appropriate than satisfaction ratings for evaluating librarian-faculty relations.” [17]

Para este autor, a melhoria das relações entre docentes e bibliotecários traduz-se:

- Num maior apoio por parte dos docentes, aos esforços dos

bibliotecários no sentido de implementarem respostas criativas aos desafios com que se debatem as bibliotecas universitárias. Torna-se mais fácil os docentes assumirem esses problemas como causas comuns colaborando na sua resolução;

- Numa maior receptividade para com os serviços prestados pela biblioteca. Este aspecto é muito importante, pois quanto maior for a utilização destes serviços pelos docentes maior é a probabilidade de contarmos com o seu apoio para exercer pressão sobre os órgãos de gestão da Universidade a favor da biblioteca;
- Numa maior eficácia do envolvimento dos docentes em actividades desenvolvidas na biblioteca como, por exemplo, a gestão das colecções e a formação de utilizadores, bem como do envolvimento dos bibliotecários em domínios que tradicionalmente estão reservados aos docentes, de que são exemplos a investigação, o desenvolvimento curricular, a gestão da Universidade, entre outros;
- Na possibilidade de os bibliotecários participarem em actividades de investigação em parceria com docentes.

Haynes, citada por Stebelman *et al.* [18] identificou um conjunto de percepções partilhadas pelos docentes relativamente aos bibliotecários: “...librarians are viewed more as subordinates than as academic equals; their involvement in student education is negligible; they lack adequate teaching and research experience; and their educational credentials are substandard.”

É nossa convicção que não podemos partir do princípio que os docentes sabem o que fazemos e do que somos capazes. Temos de, em cada oportunidade de interacção, encontrar a forma mais adequada para pormos em destaque as nossas competências. Trata-se de concretizar um conjunto de iniciativas enquadradas no domínio do marketing da profissão, com especial ênfase no marketing dos relacionamentos. [19]

Desta forma, a melhoria das relações entre docentes e bibliotecários deve assentar em iniciativas que se enquadram nos seguintes tipos de programas:

“programs designed to honour classroom faculty; programs offering new and improved services for classroom faculty; programs intended to increase classroom faculty involvement in library programs; programs designed to increase librarian involvement in

classroom faculty activities; programs intended to increase awareness of library services among classroom faculty; and programs providing direct support for research by classroom faculty.” [20]

Em 2000, foi realizado um estudo na Universidade de Manitoba (Canadá) [21] com os seguintes objectivos: analisar a interacção entre bibliotecários e docentes; avaliar o impacto das actividades desenvolvidas pelos primeiros para os docentes; e, ainda, perspectivar os futuros papéis a desempenhar pelos bibliotecários tendo em vista o reforço da parceria entre estes grupos. O último objectivo foi analisado em cinco áreas: ensino/formação, serviços de informação, tecnologias de informação, investigação e desenvolvimento das colecções.

### ***Ensino/Formação***

Os bibliotecários encontram-se numa situação privilegiada para actuarem como parceiros dos docentes na reforma dos curricula. Para tal, devem deixar de actuar de forma reactiva, liderando e inovando na sua relação com os docentes. Neste sentido, “Resource-based learning in all disciplines will depend on electronic information resources and librarian involvement in teaching information skills.”[22] A formação de utilizadores [23], nomeadamente em termos de literacia da informação, tem como objectivo apetrechar os alunos com um conjunto de conhecimentos e de competências que lhes permitam definir a natureza, o tipo e a extensão da informação de que necessitam e localizar, avaliar e usar essa informação eficazmente. De acordo com Bruce, [24] a literacia da informação

- “is important in higher education curriculum;
- is the key to life-long learning in work and society;
- improves the teaching and learning environment;
- is the survival skill for the 21<sup>st</sup> century.”

A biblioteca universitária desempenha um importante papel na formação em literacia da informação. Tal pressupõe trabalho em parceria e atravessar fronteiras organizacionais.

Desta forma, as bibliotecas universitárias devem trabalhar no sentido de apetrechar os alunos do Ensino Superior com um conjunto de competências que lhes permitam, de forma autónoma, identificar, avaliar, organizar e sistematizar a informação de que necessitam, independentemente dos suportes em que esta se apresenta. A aquisição destas competências é determinante para o seu processo de

aprendizagem ao longo da vida e para a sua participação, informada e responsável, na Sociedade. [25]

Cabe aos bibliotecários actuar nesse sentido. Contudo, eles estão frequentemente isolados, sendo a sua relação com os alunos dificultada pelo facto de as actividades de formação de utilizadores serem encaradas pelos alunos como uma tarefa suplementar. Por esta razão, consideramos que a formação de utilizadores deve ser integrada no curriculum de forma a adquirir sentido porque a relevância da competência adquirida depende do contexto. Os alunos podem, assim, aprender a satisfazer as suas necessidades de informação (em constante evolução), actuar de forma independente em termos de aprendizagem ao longo da vida e contribuir para o desenvolvimento de uma sociedade informada.

Efectivamente, alguma literatura publicada e consultada a este respeito dá-nos conta de que esta é uma área na qual os bibliotecários necessitam de ser mais proactivos no marketing das suas competências.

De acordo com Iannuzzi [26] para que as iniciativas dos bibliotecários, em termos de formação para a literacia de informação, tenham sucesso, a preocupação com a literacia da informação deve integrar a cultura da instituição. Desta forma, afirma que “When information literacy becomes part of the institutional culture, it will lead to a greater acceptance of the courses that librarians are offering.”

Neste sentido, Winner [27] considera que os bibliotecários devem expandir os seus papéis em termos de ensino/formação e devem demonstrar aos docentes “...that they have the background and knowledge to be useful partners for faculty and curriculum planning.”

O impacto que as actividades de formação desenvolvidas pelos bibliotecários têm no desempenho dos alunos é reconhecido pelos docentes: colocam menos questões sobre como encontrar a informação, utilizam um leque mais vasto de fontes de informação na realização dos seus trabalhos académicos, realizam revisões da literatura mais completas, revelam maior capacidade para avaliar as fontes de informação. De igual modo, consideram que os bibliotecários deveriam ensinar os alunos a usar a Internet de forma eficaz e a avaliar os recursos aí disponíveis.

Contudo, para alguns docentes os bibliotecários são detentores de “credenciais” insuficientes para as actividades de ensino e de investigação. [28]

### ***Serviços de informação***

Para muitos docentes, os bibliotecários devem identificar sítios-chave na Internet. Para além disso, os bibliotecários são por eles reconhecidos como tendo as competências necessárias para procederem à avaliação desses sítios, poupando os docentes a um enorme dispêndio de tempo e de energia. Muitos docentes gostariam até de dispor de “pacotes” de informação elaborados à medida o que se traduz, do lado dos bibliotecários, num acréscimo de trabalho muitas vezes difícil de compatibilizar com as rotinas diárias da biblioteca. Contudo, este é um tipo de serviço que, por corresponder a uma necessidade dos docentes, pode contribuir para melhorar a relação entre estes e os bibliotecários.

Autores como Scepanski, citado por Ducas e Michaud-Oystryk [29], defendem uma expansão de papéis para os bibliotecários no domínio dos serviços de informação consubstanciada na interpretação e avaliação da informação por si identificada. Assim, “The librarian of the future will be a refiner of information, not a passive provider of it – and, thereby, will become an active and accepted partner in the educational process.” Para muitos docentes o recurso aos serviços de informação prestados pelo bibliotecário teve como consequência uma redução do tempo dispendido na procura de determinada informação e também a identificação de recursos de informação mais apropriados às suas necessidades.

### ***Tecnologias de informação***

Um dos serviços prestados pelos bibliotecários aos docentes e por estes considerado de grande utilidade é o apoio na recuperação de documentos electrónicos. Efectivamente, a variedade de menus de pesquisa existentes nas bases de dados começa por ser o problema de partida. A escolha da expressão de pesquisa mais adequada constitui outro problema. Neste sentido, uma área de afirmação para os bibliotecários na sua relação com os docentes é a do apoio à recuperação de informação em formato electrónico, área na qual os bibliotecários podem colocar em evidência algumas das competências profissionais que possuem.

Igualmente, consideramos que o desenvolvimento de Páginas *Web*, não apenas da biblioteca mas da própria instituição constitui mais uma área de actuação a explorar pelos bibliotecários. As nossas competências em termos de identificação, recolha, selecção, organização e difusão de informação são da

maior relevância para a criação e disponibilização de conteúdos numa *Página Web*. A capacidade que possuímos para nos colocarmos no lugar do utilizador, de perceber as suas necessidades constitui um elemento fundamental a utilizar quando se desenvolve este tipo de recursos.

Ducas e Michaud-Oystryk [30] referem outras áreas de trabalho para os bibliotecários, que apelidam de “inovadoras”: “develop Internet-based delivery of course and lecture notes, integrate reference software with the library system, and teach faculty how to use multimedia software more appropriately.”

### ***Investigação***

O estudo realizado na Universidade de Manitoba (Canadá), anteriormente referido, permitiu apurar que, apesar de ser fraca a percentagem de respondentes que afirmaram ter desenvolvido projectos de investigação em associação com bibliotecários, aqueles que responderam afirmativamente (7%) consideraram a experiência muito proveitosa. Mais de metade destes declararam que a contribuição do bibliotecário se traduziu em conhecimentos e competências adicionais. Para outros, o bibliotecário ajudou a concluir o projecto de investigação. Para outros ainda, a participação do bibliotecário permitiu a inclusão, no projecto, de uma perspectiva diferente. Em Portugal, e de acordo com a investigação que temos realizado, não encontramos evidências deste tipo de parceria. Frequentemente, a participação dos bibliotecários em projectos de investigação é “materializada” na folha de agradecimentos pelo apoio prestado na pesquisa bibliográfica, não sendo incluídos na equipa de investigadores.

### ***Desenvolvimento das colecções***

Este é um domínio tradicional de actuação dos bibliotecários, nomeadamente nas instituições de Ensino Superior. Em muitas situações, trata-se de uma responsabilidade partilhada com docentes representantes das várias áreas do saber existentes na instituição, através da participação destes em estruturas como o “Conselho de Utilizadores” ou o “Conselho da Biblioteca”. Estes órgãos têm normalmente um carácter consultivo cabendo-lhes a orientação científica e pedagógica da biblioteca. Na prática, esta orientação faz-se sentir na sugestão e, por vezes, até decisão sobre quais os documentos que devem ser adquiridos (sejam recursos impressos ou electrónicos). Os constrangimentos financeiros com que se debatem as Universidades têm eco nas suas

bibliotecas o que tem como consequência a necessidade de avaliar a utilização dos recursos já existentes. Claro que, na perspectiva do utilizador, o que existe nunca é suficiente.

Devemos ainda ter em atenção que o desenvolvimento das colecções de uma biblioteca é hoje uma tarefa muito mais complexa dado a proveniência dos documentos que possuímos e a que damos acesso ser muito variada, dispersa e sujeita a alterações constantes. Sendo esta uma responsabilidade em muitas situações, partilhada com docentes representantes de várias áreas do saber constituí, em nosso entender, por um lado, uma oportunidade para darmos a conhecer exactamente o âmbito da gestão das colecções numa biblioteca universitária no século XXI e, por outro, uma forma eficaz para darmos a conhecer os recursos já existentes mas desconhecidos dos docentes.

### **Edição**

A edição constitui um domínio de crescente envolvimento por parte das bibliotecas universitárias que assim ocupam um lugar de destaque no sistema de comunicação académica. Tradicionalmente, a cadeia de edição que liga os autores aos leitores, incluía editores, *referees*, produtores de bases de dados, intermediários de informação, livrarias e bibliotecas. A edição electrónica veio alterar esta cadeia. Este novo ambiente facilita uma interacção mais flexível entre os diferentes actores e estabelece a relação entre autores e leitores de forma mais imediata. A constituição de Repositórios da produção científica e didáctica da Universidade constitui uma oportunidade, por excelência, para as bibliotecas e os seus profissionais se afirmarem e conquistarem novos papéis. [31] Em Portugal, algumas Universidades (Universidade do Minho e, mais recentemente, o ISCTE), através das suas bibliotecas, avançaram com a constituição de Repositórios vislumbrando-se já a possibilidade de interligação destes Repositórios individuais com vista à constituição de um Repositório Nacional da Literatura Científica. [32]

Através da expansão da actividade tradicional de organização de informação para a gestão do conhecimento e a edição electrónica, as bibliotecas tornam muito mais facilmente acessível informação necessária para fins de ensino e de investigação. Por esta razão, Stoffle [33] afirma que “We can create a whole new scholarly communication system. We can work with our university presses to create new online products. Thereby, we will immensely help our institutions resolve the current internal challenges in the undergraduate educational

arena, and more effectively supporting the information needs of the general public as well as educational communities, reduce information costs, and actualize a new vision of university education for the 21<sup>st</sup> century.”

### **PARCERIA: SUGESTÕES PRÁTICAS**

Holtze [34] e Mestre [35] consideram que, quando analisamos questões como a literacia da informação integrada nos curricula ou o posicionamento da biblioteca na Universidade, devemos contextualizá-las no relacionamento que temos com os docentes. Estes autores sugerem algumas formas práticas e criativas (algumas já por nós ensaiadas) para fazer ouvir a voz dos bibliotecários na Universidade:

#### **Encontro com docentes**

- Convidá-los para almoçar, para tomar um café, para uma visita à biblioteca (no caso de um docente recém-chegado à instituição);
- Assistir a eventos: da iniciativa dos Departamentos (início do ano lectivo), ou da iniciativa de outros órgãos da Escola;
- Divulgar as actividades da biblioteca em publicações da Universidade;
- Desenvolver actividades que dêem visibilidade ao trabalho dos docentes (ex: Livro do Mês).

#### **Construir uma relação**

- Responder a pedidos e a reclamações num curto espaço de tempo;
- “Cultivar” a relação com os professores que já utilizam a biblioteca, pois podem ser os melhores defensores das nossas causas;
- Anunciar novos recursos (produtos e serviços) que sabemos serem do interesse dos docentes;
- Incluir a biblioteca nas listas de divulgação dos vários Departamentos.

#### **Comunicar profissionalmente**

- Mantê-los informados evitando “inundá-los” com mensagens;
- Criar um Guia da Biblioteca para os docentes com a informação essencial;
- Felicitá-los quando recebem prémios, publicam um livro, etc.
- Enviar uma carta de apresentação da Biblioteca aos novos docentes;
- Envolver os docentes na orientação científica e pedagógica da biblioteca

(através de uma participação efectiva e empenhada em estruturas como o “Conselho de Utilizadores”, o “Conselho da Biblioteca” ou congéneres);

- Assistir a momentos importantes na vida dos docentes, por exemplo, à defesa das suas teses de doutoramento, quando feita na instituição em que trabalhamos.

### **Posicionar a Biblioteca**

- Os esforços individuais serão muito mais eficazes se a biblioteca como um todo, tiver uma presença forte na Universidade;
- Assegurar que os sucessos da biblioteca são divulgados, conhecidos e promovidos pelos órgãos de Direcção da Universidade;
- Fazer do envolvimento da equipa da biblioteca com os docentes um objectivo – quanto mais pessoas envolvidas, maior o potencial da rede de contactos;
- Fazer da biblioteca uma centralidade;
- Saber quais são as “últimas novidades” em debate na Universidade e qual o papel que a Biblioteca pode desempenhar nesses assuntos;
- Publicitar a declaração de missão da biblioteca e mostrar que ela enforma a nossa actuação;
- Pedir aos Departamentos que incluam a biblioteca nas suas *mailing-lists* de forma a, regularmente, recebermos informação sobre as suas actividades e a podermos apresentar as sugestões que, caso a caso, nos pareçam relevantes e ajustadas.

### **Saber mais sobre a nossa área de “negócio”**

- De forma a trabalhar com os docentes, numa relação de parceria, necessitamos de provar que dominamos as competências necessárias para ter um impacto positivo nas aprendizagens dos alunos;
- Estudar para, por exemplo, compreender os métodos de ensino modernos;
- Pedir para assistir a algumas aulas para saber mais sobre os tópicos abordados;
- Ensinar os docentes a usar os recursos de informação de que necessitam quer para ensino quer para investigação;

- Quando temos a oportunidade de desenvolver actividades de ensino, devemos prepará-las de forma cuidada;
- Ter um plano e saber o que temos para oferecer. Demonstrar como as nossas competências podem ajudar os docentes a atingirem os seus objectivos;
- Saber mais sobre os docentes: áreas de interesse, matérias que leccionam, etc.

### **Conceber produtos e serviços de acordo com as necessidades dos docentes**

- Respeitar as suas competências e experiência. Mostrar o que temos para lhes oferecer sem os ofendermos;
- Divulgar a possibilidade de apoio individualizado, quer a docentes quer a alunos;
- Conceber pequenas “acções de formação” para os docentes sobre tópicos do seu interesse;
- Ouvir os docentes sobre quais os títulos de publicações periódicas de que necessitam;
- Criar Guias de Recursos na *Web* úteis para as suas áreas de investigação e docência;
- Realizar estudos sobre os hábitos de investigação dos docentes;
- Criar e manter actualizados os perfis de interesses dos docentes.

### **Colaborar com os docentes**

Após a fase de apresentação, do estabelecimento de uma relação e de mostrarmos do que somos capazes, podemos então encetar uma colaboração vantajosa para ambos, docentes e bibliotecários.

- Trabalhar em parceria na elaboração de bibliografias;
- Formar parcerias para o ensino de competências de avaliação de informação disponível na *Web*;
- Apoiar os docentes na pesquisa e organização de informação;
- Assegurar a realização de aulas sobre metodologias de investigação e sobre os recursos existentes na e a partir da Biblioteca, com relevância para as áreas de ensino dos docentes;
- Participar na organização de Colóquios e eventos congéneres através do seu enriquecimento, resultante de iniciativas da responsabilidade da biblioteca (por exemplo, realização de

uma Exposição Bibliográfica e do respectivo catálogo, sobre o tema do Colóquio);

- Divulgar iniciativas de docentes/Departamentos na Página *Web* da biblioteca;
- Colaborar em projectos de investigação em parceria com docentes. [36]

## CONCLUSÃO

Na linha de investigação que temos vindo a desenvolver, o estabelecimento de parcerias estratégicas constitui, em nossa opinião, o elemento chave na resposta que os bibliotecários têm de ser capazes de dar aos desafios colocados às instituições de Ensino Superior e às suas bibliotecas, em Portugal. É assim, essencial, operacionalizar esta parceria tendo presente que um maior envolvimento dos docentes nas actividades e projectos da biblioteca se traduz, da sua parte, numa adesão e defesa incondicional dos nossos serviços e, até, dos valores da nossa profissão. Este envolvimento tem igualmente como consequência, uma melhor divulgação e, por isso, maior visibilidade para os nossos serviços. Trata-se de semear uma estratégia (relação de parceria) para colher resultados (melhores desempenhos a vários níveis), de forma a assegurar a sobrevivência das bibliotecas e das Universidades em que elas se inserem e a melhor preparar os estudantes do Ensino Superior para as exigências colocadas pela Sociedade da Informação e do Conhecimento. Consideramos que as palavras de Mestre [37] traduzem, de forma inequívoca, o comportamento proactivo que devemos adoptar: “Advertise, Advertise, and Advertise. E-mails, posters, flyers, write-ups in department newsletters, friends. Advertise what you have to offer again and again and again...(…). Make yourself visible as much as possible—outside of your office. Take your breaks where faculty take breaks, attend lectures, openings, receptions. In short—Get out of the office!!!” Não devemos, de forma alguma, aceitar resignadamente algumas percepções negativas, por parte dos docentes, sejam elas reais ou imaginárias, quanto ao papel dos bibliotecários nas Universidades, especificamente, o seu papel de formadores. Não podemos esquecer que as relações de colaboração são construídas tendo por base a confiança e o respeito mútuos pela área de saber de cada parceiro.

No futuro, temos de definir estratégias de actuação que devem contemplar, a divulgação, através da publicação e da participação em Conferências ou realizações congéneres, de experiências de colaboração com docentes

desenvolvidas nas nossas Universidades. Estas formas de divulgação não se devem restringir a publicações e a eventos do domínio da Biblioteconomia. Temos de divulgar as nossas experiências junto daqueles que são os nossos parceiros. Se aceitarmos que temos um contributo a dar em termos dos processos de ensino/aprendizagem dos estudantes do Ensino Superior, devemos publicar as nossas experiências em revistas do domínio da Educação e da Pedagogia. Devemos participar em Conferências e realizações congéneres em que se debatam as questões do ensino/aprendizagem, mostrando que temos um contributo a dar.

Por outro lado, para que a parceria docente-bibliotecário seja bem sucedida temos de ouvir os docentes, isto é, as suas necessidades. Temos de reconhecer que muito frequentemente esquecemos um princípio fundamental do marketing – é o cliente que molda o serviço, daí a necessidade de o ouvirmos. Não o fazemos porque estamos sobrecarregados a responder às exigências quotidianas e a transformações que se sucedem, a um ritmo alucinante. Mas neste contexto em mutação constante, temos de reflectir sobre o nosso papel na Universidade e, de forma, mais abrangente, na Sociedade. Talvez tenhamos até, de proceder a uma redefinição dos nossos papéis por forma a respondermos e, até, anteciparmos mudanças que podemos prospectivar.

Raspa e Ward [38, consideram que a colaboração será a próxima grande transição no Ensino Superior. Podemos optar por dela fazer parte, explorando todas as oportunidades daí emergentes ou deixar que outros definam quem seremos e qual o nosso âmbito de actuação. Nesta linha de pensamento inscrevemos as palavras de Stoffle [39]: “I believe that academic libraries and librarians have a very bright future. I believe that librarians perform a unique and essential role in the academy. I believe that we are uniquely placed to help our institutions adjust to the education and research demands of a global, information based economy and that by taking an institutional/customer focus, we will ensure that academic libraries are a vital part of our 21<sup>st</sup> century universities. In sum, I think we have the skills, knowledge, experience and values to choose very exciting futures for ourselves and to make choices that will lead to meaningful contributions to society. Most importantly, I believe that we have the will to step up to these challenges and that we will emerge stronger and more vital.”

## NOTAS

[1] CARDOSO, Gustavo et al. – A sociedade em rede em Portugal. Porto: Campo das Letras, 2005.

[2] CORREIA, Ana M<sup>a</sup>; MESQUITA, Anabela – Novos públicos no Ensino Superior. Lisboa: Edições Sílabo, 2006.

[3] A este propósito, nos últimos anos têm sido publicados resultados de estudos que analisam a utilização que os alunos fazem da biblioteca existindo, contudo, menos estudos sobre a utilização feita pelos docentes. Para mais informação sobre este assunto consultar ENGEL, Debra e ANTELL, Karen – The life of the mind: a study of faculty spaces in academic libraries. College & Research Libraries. [Em linha]. 65:1 (2004), 8-26. [Consult. 2 Out. 06]. Disponível em WWW:

<URLhttp://www.ala.org/acrlpubs/crljournal/crl2004/engel.pdf>. ISSN 0010-0870

[4] BROPHY, Peter – The academic library. 2<sup>nd</sup> ed. London: Facet Publishing, 2005, 13. ISBN 1-85604-527-7.

[5] HUOTARI, Maija-Leena; IIVONEN, Mirja – Knowledge processes: a strategic foundation for the partnership between university and its library. Library Management. [Em linha]. 26:6/7 (2005), 326. [Consult. 3 Out. 06]. Disponível em WWW:

<URLhttp://proquest.umi.com/pqdweb?TS=1162477497&clientId=13656&RQT>. ISSN 0143-5124

[6] AMANTE, Maria João; SANTOS, Maria Luisa; OCHÔA, Paula – Desenvolvimento de parcerias em serviços de informação do Ministério da Educação. 6º Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas: Actas. Aveiro: BAD, 1998. p. 1-12. Sobre este assunto ver também GRUPO DE TRABALHO PARA O SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS DE EDUCAÇÃO (SIBE) – A integração da informação e da documentação do Ministério da Educação. 8º Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas: Actas. Estoril: BAD, 2004.

[7] LOUGEE, Wendy Pradt – Diffuse libraries: emergent roles for the research library in the digital age. [Em linha]. Washington: Council on Library and Information Resources, 2002, 1. ISBN 1-887334-93-9. Disponível em WWW: <URLhttp://www.clir.org/pubs/reports/pub108/pub108.pdf>

[8] BROPHY, Peter – The academic library. 2<sup>nd</sup> ed. London: Facet Publishing, 2005, 11-12. ISBN 1-85604-527-7. O documento aqui referido pode ser consultado em

<URLhttp://www.dfes.gov.uk/hegateway/hereform/index.cfm?cid=2>

[9] O desenvolvimento das bibliotecas universitárias e as transformações por que têm passado ao longo do tempo são analisadas por vários autores de que são exemplo RICE-LIVELY, Mary Lynn e RACINE, J. Drew – The role of academic librarians in the era of information technology. The Journal of Academic Librarianship. [Em linha]. 23:1 (1997), 31-42. [Consult. 2 Out. 06]. Disponível em WWW:

<URLhttp://web.ebscohost.com/ehost/pdf?vid=3ehid=119&sid=d0f4ce8a-0c81-4983-bfb6-b5c498e662b5%40sessionmgr109>. ISSN 0099-1333

e também ENGEL, Debra e ANTELL, Karen – The life of the mind: a study of faculty spaces in academic libraries. College & Research Libraries. [Em linha]. 65:1 (2004), 8-26. [Consult. 2 Out. 06]. Disponível em WWW:

<URLhttp://www.ala.org/acrlpubs/crljournal/crl2004/engel.pdf>. ISSN 0010-0870

[10] CRETH, Sheila D. – Information commons: a path to redefining services & role of academic libraries. [Em linha]. (2000). [Consult. 2 Out. 06]. Disponível em WWW:

<URLhttp://unc.edu/~pittma/InfoCommons/CrethNotes/pdf>

[11] Na mesma linha de pensamento Mary Lyn Rice-Lively e J. Drew Racine consideram que os profissionais de informação “...can no longer be constrained by the building in which they do most of their work. Collaboration must take place within the organization, within the institution, within the profession, across disciplinary and professional boundaries, and within the information industry.” RICE-LIVELY, Mary Lynn e RACINE, J. Drew – The role of academic librarians in the era of information technology. The Journal of Academic Librarianship. [Em linha]. 23:1 (1997), 37. Disponível em WWW:

<URLhttp://web.ebscohost.com/ehost/pdf?vid=3ehid=119&sid=d0f4ce8a-0c81-4983-bfb6-b5c498e662b5%40sessionmgr109>. ISSN 0099-1333

[12] Dick Raspa e Dane Ward consideram que a colaboração é um caminho apaixonado para o conhecimento que se percorre em conjunto, em diálogo e em que escutamos e somos escutados. Assim, consideram que, na biblioteca, “...collaboration is the power of wonder as well, wondering with faculty and students how to explore a problem in the universe of information, a universe where everything radiates in fields of energy and light, and all boundaries separating domains are constructed by the human mind.” RASPA, Dick; WARD, Dane, eds. – Listening for collaboration: faculty

and librarians working together. The collaborative imperative: librarians and faculty working together in the information universe. Chicago: Association of College and Research Libraries, 2000, 3. ISBN 0-8389-8085-6.

[13] RODRIGUES, Eloy – As bibliotecas universitárias e a formação dos estudantes de engenharia no domínio da documentação/informação. [Em linha]. Disponível em WWW:

<URLhttp://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4191/BAD1.pdf>

[14] RADER, Hannelore B. – Faculty-librarian collaboration in building the curriculum for the millenium – the US experience. [Em linha]. 64<sup>th</sup> IFLA Council and General Conference, 16<sup>th</sup>-21<sup>st</sup> August 1998. [Consult. 19 Out. 06]. Disponível em WWW:

<URLhttp://www.ifla.org/ifla64/040-112e.htm>

[15] Mary Lynn Rice-Lively e J. Drew Racine apresentam algumas definições para “papel” concluindo que por tal devemos entender que “...role encompasses an interactive system of behavior, values, skills, and functions all performed within the context of providing academic library and information services.” p. 31

[16] KOTTER, Wade R. – Bridging the great divide: improving relations between librarians and classroom faculty. The Journal of Academic Librarianship. [Em linha]. 25:4 (1999), 294-303. [Consult. 3 Out. 06].

Disponível em WWW:

<URLhttp://web.ebscohost.com/ehost/pdf?vid=3&hid=16&sid8fa67d98-3d48-4600-bae3-e0753c0753c0ed2f7%40sessionmgr9>. ISSN 0099-1333.

[17] KOTTER, Wade R. – Bridging the great divide: improving relations between librarians and classroom faculty. Op. cit., 296. De acordo com este autor, o facto de os docentes raramente pedirem apoio aos bibliotecários pode ter as seguintes explicações: podem desconhecer que os bibliotecários estão disponíveis para ajudar; podem pensar que os bibliotecários não têm tempo para os ajudar; podem sentir vergonha de pedir ajuda aos bibliotecários (como será esse pedido de ajuda entendido pelos seus pares e pelos próprios bibliotecários? podem ser relutantes em aceitar que os bibliotecários podem contribuir para a resolução de problemas; podem ser relutantes em aceitar que os bibliotecário contribuíram efectivamente para o seu trabalho.

[18] Neste artigo, Scott Stebelman descreve a experiência da Universidade George Washington (Estados Unidos) de criação do lugar de “faculty outreach librarian”, em 1995. O objectivo principal do titular do cargo é responder às necessidades de informação dos

docentes o que contribui para aprofundar a relação entre estes e os bibliotecários, facilitando a adequação dos serviços às necessidades dos utilizadores. O lugar foi entregue a Stebelman, bibliotecário, com uma experiência de vinte anos na formação de utilizadores e doutorado, o que ajudou a que os docentes o recebessem como um par. Em Portugal, desconhecemos qualquer experiência neste sentido. Contudo, é nossa convicção que esta é uma linha de actuação que urge considerar na gestão das Bibliotecas universitárias, mais especificamente, na afectação de recursos humanos. STEBELMAN, Scott et al. – Improving library relations with the faculty and university administrators: the role of the faculty outreach librarian. College & Research Libraries. [Em linha]. 60:2 (1999), 122. [Consult. em 18 Dez. 06]. Disponível em WWW:

<URLhttp://www.ala.org/ala/acrl/acrlpubs/crljournal/backissues1999b/march99/stebel.pdf>. ISSN 0010-0870.

[19] Em 2006, O Observatório da Profissão de Informação-Documentação (OP I-D) (criado em Abril de 2005, através da assinatura de um protocolo de colaboração pelas quatro Associações profissionais – INCITE, BAD, APDIS, Liberpolis) publicou o relatório A imagem das competências dos profissionais de Informação-Documentação. O marketing da profissão, com especial destaque para o marketing dos relacionamentos, é apresentado como uma linha de investigação futura, sendo considerado uma estratégia que é necessário mobilizar ao longo de toda a carreira para desenvolver novas competências. Para informação detalhada sobre este assunto consultar OBSERVATÓRIO DA PROFISSÃO DE INFORMAÇÃO-DOCUMENTAÇÃO. A imagem das competências dos profissionais de Informação-Documentação: relatório. 1<sup>a</sup> ed. Lisboa: Observatório da Profissão de Informação-Documentação, 2006.

[20] KOTTER, Wade R. – Bridging the great divide: improving relations between librarians and classroom faculty. Op. Cit., 297.

[21] O estudo teve por base a elaboração e envio de um questionário a 1400 docentes (em tempo integral) da Universidade de Manitoba (Canadá). Foram recebidas 734 respostas (52% da população inquirida). As três Faculdades a que pertenciam os docentes apresentaram valores de participação distintos: Humanidades e Ciências Sociais, 261 respostas, 36%; Ciências da Saúde, 311 respostas, 42%; Ciências Puras e Aplicadas, 150 respostas, 20%. Doze dos docentes que responderam não indicaram a qual das Faculdades pertenciam. Os resultados mostraram claramente que quando os

docentes interagem com os bibliotecários existe um impacto considerável e muito positivo quer sobre os docentes quer sobre os estudantes. Igualmente, as respostas recebidas permitem concluir que os docentes são muito receptivos a um aprofundamento da colaboração com os bibliotecários nomeadamente em domínios explorados de forma incipiente, de que é exemplo a investigação. Para mais informação sobre este estudo consultar DUCAS, Ada M.; MICHAUD-OYSTRYK, Nicole – *Toward a new enterprise: capitalizing on the faculty-librarian partnership. College and Research Libraries*. [Em linha]. 64:1 (2003), 55-74. [Consult. 27 Set. 06].

Disponível em WWW:

<URLhttp://cat.inist.fr/?aModele=afficheN&cpsid=14497166>. ISSN 0010-0870.

[22] RADER, Hannelore B. – Faculty-librarian collaboration in building the curriculum for the millenium – the US experience. [Em linha]. 64<sup>th</sup> IFLA Council and General Conference, 16<sup>th</sup>-21<sup>st</sup> August 1998. [Consult. 19 Out. 06]. Disponível em WWW:

<URLhttp://www.ifla.org/ifla64/040-112e.htm>

[23] Patrick Noon refere as explicações avançadas por alguns autores para a irregularidade com que são desenvolvidas actividades de formação de utilizadores nas instituições de Ensino Superior no Reino Unido. Para uns, e de forma recorrente, as restrições em termos de recursos humanos são invocadas como a principal razão. Para outros, a formação de utilizadores não integra o “pacote” dos serviços básicos que a biblioteca deve garantir motivo pelo qual só acontece se existir tempo disponível para tal. Contudo, segundo este autor, os benefícios da formação de utilizadores são inquestionáveis: “information skills are a skill for life; the scale of available information requires skills to exploit effectively; changing teaching patterns place more responsibility on students to find their own resources; library systems often present barriers to users that user education can break down.” Para mais informação ver: NOON, Patrick – Finding a strategic role for information skills in academic libraries. (SEDA Publications; 82). [Em linha]. (1994). [Consult. em 3.10.06].

Disponível em WWW:

<URLhttp://www.city.londonmet.ac.uk/deliberations/seda-pubs/Noon.html>

[24] BRUCE, Christine – Seven faces of information literacy in higher education. [Em linha]. (1997). [Consult. em 27 Set. 06]. Disponível em WWW:

<URLhttp://sky.fit.qut.edu.au/~bruce/inflit/faces/faces1.htm>

[25] Em 2000 foi publicada a 1ª edição do documento *Information Literacy Competency*

*Standards for Higher Education*, pela Association of College and Research Libraries, segundo o qual “Developing lifelong learners is central to the mission of higher education institutions. By ensuring that individuals have the intellectual abilities of reasoning and critical thinking, and by helping them construct a framework for learning how to learn, colleges and universities provide the foundation for continued growth throughout their careers, as well as their roles as informed citizens and members of communities.” ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES - ACRL – Information literacy competency standards for higher education. [Em linha]. Chicago: American Library Association, 2000. [Consult. em 27 Set.06], 4. Disponível em WWW:

<URLhttp://www.ala.org/ala/acrlstandards/standards.pdf>

[26] IANNUZZI, Patrícia – Faculty development and information literacy: establishing Campus partnerships. Reference Services Review. [Em linha]. 26 (1998), 98. [Consult. 3 Out. 06]. Disponível em WWW:

<URLhttp://www.cat.inist.fr/?aModele=afficheN&cpsid=1774915>. ISSN 0090-7324.

[27] WINNER, Marian C. – Librarians as partners in the classroom: an increasing imperative. Reference Services Review. [Em linha]. 26 (1998), 26. [Consult. 3 Out. 06]. Disponível em WWW:

<URLhttp://www.cat.inist.fr/?aModele=afficheN&cpsid=1595048>. ISSN 0090-7324.

[28] DUCAS, Ada M.; MICHAUD-OYSTRYK, Nicole – *Toward a new enterprise: capitalizing on the faculty-librarian partnership. College & Research Libraries*. [Em linha]. 64:1 (2003), 55-74. [Consult. 27 Set. 06].

Disponível em WWW:

<URLhttp://cat.inist.fr/?aModele=afficheN&cpsid=14497166>. ISSN 0010-0870.

[29] DUCAS, Ada M.; MICHAUD-OYSTRYK, Nicole – Op. cit., 71.

[30] DUCAS, Ada M.; MICHAUD-OYSTRYK, Nicole – Op. cit., 71.

[31] Estes Repositórios são constituídos com os seguintes objectivos: a) contribuir para aumentar o impacto da investigação desenvolvida na Universidade, aumentando a sua visibilidade e acessibilidade; b) preservar a memória intelectual da Universidade; c) facilitar a gestão de informação na Universidade.

[32] Este projecto foi já apresentado por Eloy Rodrigues em reunião do CRUP – Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas, realizada em Outubro de 2006. Segundo este autor, o Projecto tem as seguintes vantagens: a) aumentar a visibilidade, acessibilidade e difusão dos resultados da actividade académica e

investigação científica portuguesa, potenciando o seu uso e impacto na comunidade científica nacional e internacional; b) facilitar a gestão da informação sobre a produção científica nacional, constituindo-se como um componente de um sistema de informação de ciência e tecnologia nacional.

[33] STOFFLE, Carla – The emergence of education and knowledge management as major functions on the digital library. [Em linha]. (1996). [Consult. 12 Dez. 05]. Disponível em WWW:

<URLhttp://www.ukoln.ac.uk/services/papers/folett/stoffle/paper.html>

[34] HOLTZE, Teri L. – 50+ ways to reach your faculty. [Em linha]. Poster session presented at 2001 Academic and Research Libraries Conference. University of Louisville. [Consult. 3 Out. 06]. Disponível em WWW:

<URLhttp://www.louisville.edu/~tlholt02/presentation/acrl2001.htm>

[35] MESTRE, Lori – Collaborating with faculty: ideas and selected bibliography. [Em linha]. Amherst: University of Massachusetts, 2002. [Consult. 3 Out 06].

Disponível em WWW:

<URLhttp://www.library.umass.edu/instruction/collabideas.html>

[36] Para mais informação sobre projectos de colaboração entre docentes e bibliotecários a decorrer em Universidades nos Estados Unidos

da América consultar o artigo de RADER, Hannelore – Faculty-Librarian partnerships to teach information skills for the 21<sup>st</sup> century. Proceedings of the 7<sup>th</sup> International Conference of European University Information Systems, 2001. [Em linha]. Berlin Humboldt-University. [Consult. 3 Out. 06]. Disponível em WWW:

<URLhttp://edoc.huberlin.de/conferences/eunis2001/e/Rader/HTML/>

[37] MESTRE, Lori – Collaborating with faculty: ideas and selected bibliography. [Em linha]. Amherst: University of Massachusetts, 2002. [Consult. 3 Out 06], 3.

Disponível em WWW:

<URLhttp://www.library.umass.edu/instruction/collabideas.html>

[38] RASPA, Dick; WARD, Dane, eds. – The collaborative imperative: librarians and faculty working together in the information universe. Chicago: Association of College and Research Libraries, 2000. p. vi. ISBN 0-8389-8085-6.

[39] STOFFLE, Carla – The emergence of education and knowledge management as major functions on the digital library. [Em linha]. (1996). [Consult. 12 Dez. 05]. Disponível em WWW:

<URLhttp://www.ukoln.ac.uk/services/papers/folett/stoffle/paper.html>